

## TEXTO 2 PARA LEITURA:

### As universidades públicas no contexto das transformações sociais.

Adam Smith, autor de *A Riqueza das Nações*, utilizou a metáfora da *mão invisível* para demonstrar o equilíbrio “*natural*” do mercado. Ele sustentava que a perseguição egoísta do interesse individual levava, como que por uma *mão invisível*, à consecução do interesse coletivo. Não haveria, portanto, razões para intervir na atividade econômica. Bastaria preservar a propriedade privada e as condições para a livre-iniciativa, valores daquela ordem liberal, para que a *mão invisível* do mercado se encarregasse de promover o equilíbrio econômico e social.

Lá se vai mais de duzentos anos e o que se vê hoje é que a ganância dos donos do capital tem produzido desigualdades sociais, destruição dos recursos naturais, guerras e imposição da fome para um contingente cada vez maior de excluídos da sociedade liberal capitalista. E, quanto mais eficiente for o emprego dos fatores de produção, alcançando excedentes produtivos cada vez maiores, maior será a expropriação da riqueza produzida pela classe trabalhadora. Além disso, o emprego de tecnologias aumenta a produtividade e acelera, ainda mais, a formação de uma massa de trabalhadores excedentes, impondo aos trabalhadores ativos a redução dos salários.

Estas são regras básicas do mercado de trabalho. Porém, transformações de ordem sócio-econômica, política e cultural afetam a sociedade contemporânea e seu sistema produtivo. O neoliberalismo prega o aumento do consumo, da competitividade, da privatização dos meios de produção e este processo aprofunda as desigualdades sociais, a miséria e a exclusão.

Neste contexto, a universidade é vista simplesmente como um instrumento de apoio à produção, enfatizando a qualidade, a produtividade e a eficiência, atendendo enfim aos interesses do mercado. Porém, a produção do conhecimento e a formação educacional de qualidade resultam em benefícios que ultrapassam o espaço circunscrito ao mercado, isto é, seus resultados vão além da mensuração econômica de toda transação mercantil, pois a educação é de natureza distinta de uma mercadoria qualquer. A educação de qualidade é capaz de transformar o indivíduo e a sociedade.

Assim, é possível a construção de uma universidade que não seja a responsável por legitimar o poder hegemônico e sua cultura. Ao contrário, que cumpra com o papel de formação cidadã do aluno e que se insira no contexto das grandes questões sociais, visando à inclusão e à promoção da justiça. Para isso é preciso a preservação do seu caráter crítico e independente, gozando de plena autonomia para desempenhar este papel.

Esta não é a visão política dos governos do PSDB. Alckmin e Lembo vetaram repetidamente emendas à LDO que garantiriam o aumento de recursos à educação; não se comprometeram com a manutenção da expansão de vagas das universidades públicas paulistas, nem tampouco com a qualidade do ensino, pesquisa e extensão destas universidades. Além disso, o recém empossado José Serra criou a Secretaria do Ensino Superior e proferiu, através de Decretos, o maior ataque que se tem notícia à autonomia destas universidades.

Os Tucanos, que acusam às universidades de má gestão dos recursos, de corporativismo e de serem privilegiadas, anunciaram através do Secretário de Gestão, Sidney Beraldo, uma mudança na forma de reajuste de salário do funcionalismo público condicionado à metas e parâmetros de produtividade. Terão os membros deste governo “competência” para criar um sistema que meça imparcialmente a competência dos servidores? (foram incompetentes na gestão do Ensino Básico) Ou, mais uma vez, serão mais realistas que o Rei? Por quanto tempo os funcionários e docentes das universidades estarão imunes a mais esta excrescência tucana?

Orandi Dias Vieira

Coordenador Político do Sintunesp (Supl.)